

Cravo, Lírio e Rosa

Kátia M. Silva
UNICAMP

“Quando aqueles dois meninos vão se apresentar de novo, aqueles dois brincando?”

Eis a pergunta de um senhor que presenciou “Cravo, Lírio e Rosa.”

Nada mais elogioso, talvez, para os clowns, como serem tomados por crianças, viver na plenitude do momento, dizer sim à vida. Walter Benjamin, referindo-se à obra “Em busca do tempo perdido”, diz que Proust *“está convencido da verdade de que não temos tempo de viver os verdadeiros dramas da existência que nos é destinada. É isso que nos faz envelhecer, e nada mais. As rugas e dobras do rosto são as inscrições deixadas pelas grandes paixões, pelos vícios, pelas intuições que nos falaram, sem que nada percebêssemos, porque nós, os proprietários, não estávamos em casa.”*

Mas os clowns, em “Cravo, Lírio e Rosa”, tornam um pouco transparentes para nós até mesmo nossas pequenas patifarias, nossos blefes; como ao tentarem disfarçar algo, um brinquedo que um deles quebrou, ou numa “deixa” para o outro entrar em cena: fazer uma bola de borracha deslizar até a lateral do palco, de modo que chegue “por acaso”, às mãos do outro, oculto. É curioso ver também como essa cena foi mudando nos espetáculos, de algo mais plausível até chegar ao absurdo do Teotônio ir passando a bola da mão direita para a esquerda, num movimento circular do braço direito que, sobre sua cabeça, passa o bola à mão esquerda, que espera e devolve imediatamente, para que o braço continue o movimento, desenhando um círculo no ar - com se fosse um movimento natural da bola, como se estivesse rolando no chão, no ar - enquanto seu corpo desliza também para a esquerda, até atingir o lugar no canto do palco, ao fundo, onde será passado para o Carolino, que espera atrás da cortina. E as expressões de Teotônio, procurando disfarçar, subtrair-se, como se só houvesse a bola, acreditando que ninguém percebe, ou

brincando de disfarçar o indisfarçável. Podemos rir da astúcia, da perspicácia que supomos ter.

Vivemos um universo de aceitação. Aceitação que nos possibilita olharmos para nossos truques como tolices. Ao exporem os seus, os clowns - nesse universo amoral, humano - nos encorajam a vermos também a vermos também os nossos. Pequenos truques cotidianos que não enganam ninguém. Os clowns quebram um pouco dos nossos automatismos.

Celebramos, com esses meninos, a permissão do olhar. Também a delicadeza, a candura, a simplicidade, a singeleza, que nos acariciam, aquecem e desarmam. Seríamos mais incompletos sem a timidez e a doçura das enormes mãozinhas e perninhas de Teotônio, sem o gorriño e o dedo em riste de Carolino; sem a adorável leveza dos dois; sem suas fúrias completamente instantâneas, passageiras.

Como nada é fixo com esses meninos são também meninas, na suavidade surreal do vestido cor-de-rosa de uma, nos chinelinhos arrastando da outra.

E quanto lirismo naqueles dos velhinhos dançando, acertando o passo que nunca será igual, pois cada um tem uma maneira de fazer aquela ação, até quando buscam o mesmo movimento, na dancinha... “Cravo, lírio e rosa” não nos provoca apenas riso.

Os meninos não estão brincando sozinhos. Eles nos agarram pelo olhar, estão sempre buscando o olhar do outro, o nosso. Precisam de nós, como um elemento sem o qual essas brincadeiras não poderiam acontecer. O seu olhar nos chama e vamos, de mãos dadas, brincar com eles. Brincar de ser gente.

A brincadeira, como o amor, nos diz Benjamin, quer sempre repetição e retorno. Quando aqueles meninos vão brincar com a gente de novo?